



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Tamara Dias da Silva Marins

**Vida de Professoras: memórias, trajetórias, narrativas, em perspectiva.**

São Gonçalo

2015

Tamara Dias da Silva Marins

**Vida de Professoras: memórias, trajetórias, narrativas, em perspectiva.**

Monografia apresentada como requisito obrigatório  
para obtenção do título de Graduada em Pedagogia  
na Faculdade de Formação de Professores da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Adir da Luz Almeida

São Gonçalo

2015

Tamara Dias da Silva Marins

**Vida de Professoras: memórias, trajetórias, narrativas, em perspectiva.**

Monografia apresentada como requisito obrigatório  
para obtenção do título de Graduada em Pedagogia  
na Faculdade de Formação de Professores da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aprovado em Fevereiro de 2015

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup> Dr.<sup>a</sup>. Adir da Luz Almeida (Orientadora)- UERJ

---

Prof Dr. Washington Dener dos Santos Cunha (Parecerista)- UERJ

São Gonçalo

2015

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, aos meus Pais **Heraldo Coutinho da Silva** (*in memoriam*) e **Jarlene Dias da Silva**, aqueles que me deram a vida, a luz, as interrogações, com todo meu amor e gratidão, por tudo que fizeram por mim ao longo da vida.

*“Se estamos aqui reunidos estou contente. Penso com alegria que tudo quanto escrevi e vivi serviu para nos aproximar. É o primeiro dever do humanista e a fundamental tarefa da inteligência assegurar o conhecimento e o entendimento entre os homens. Bem vale haver lutado e cantado, bem vale haver vivido se o amor me acompanha.”*

**PABLO NERUDA**

### **AGRADEÇO:**

Ao meu amado e saudoso pai *Heraldo Coutinho da Silva*, por ter deixado a maior herança que alguém pode receber: a educação como valor máximo!

A minha amada mãe *Jarlene Dias da Silva*, que deu vida, cor e alegria a este trabalho, sem a senhora nada disso seria possível. Você é maravilhosa! Inspiração para minha docência.

Ao meu marido *Fabio Marins*, pelo seu apoio, amor, carinho e paciência que foram decisivos nesta jornada. Você que torna meus dias mais alegres e me ensina a cada dia o significado da palavra incondicional! Obrigado por nos momentos de dúvida, fazer-me, de novo, acreditar que tudo é possível. Te amo!

Aos meus irmãos *Flavio Dias e Tatiana Dias*, que sempre torceram por mim. Com vocês compartilho momentos inesquecíveis. Amo vocês!

A minha *Orientadora Professora Dr<sup>a</sup> Adir da Luz Almeida*, amada Mestra do partejamento e da minha emancipação, por compreender e respeitar meu ser, meu estar, meu querer, meu tempo, meu espaço, meu momento e principalmente meus silêncios. Sem ela este trabalho certamente estaria vazio de significado. Obrigado pela disponibilidade, respeito, contribuição e dedicação. Obrigado pelo seu olhar atencioso e carinhoso nas leituras do meu trabalho.

A *Professora Maria Claudia*, por ter compartilhado comigo histórias tão belas de sua vida. Por sua compreensão, amizade e respeito.

A minha amiga de todas as horas *Katia Amaral*. Agradeço por tudo que fez por mim, por sua atenção, carinho, respeito e cumplicidade. Obrigado pelos sorrisos e pelos abraços.

As amigas “Tendenciosas” *Adryelle, Gessica, Bruna, Jaqueline, Solange, Dulcineia e Vania*, juntas partilhamos momentos de conhecimento, dúvidas e preocupações, mas, no final, demos ótimas risadas. Obrigado pela amizade.

A Turma do Curso de Pedagogia 2011 (noite). Obrigado pelos momentos especiais.

A Faculdade de Formação de Professores pela oportunidade concedida.

A todos os meus professores, com quem convivi nos diferentes momentos da minha formação. Saibam que foram essenciais para meu crescimento intelectual e pessoal.

Por fim, o mais importante de todos, *Deus*, espírito de iluminação, criador da vida e da sabedoria, que me orientou em todos os momentos, trazendo inspirações e fortalecendo-me para essa trajetória a fim de que eu alcançasse essa grande vitória.

*“De tudo, ficaram três coisas:*

*A certeza de que estamos sempre começando...*

*A certeza de que precisamos continuar...*

*A certeza de que seremos interrompidos antes de*

*terminar...*

*Portanto, devemos fazer da interrupção*

*Um caminho novo...*

*Da queda, um passo de dança...*

*Do medo, uma escada...*

*Do sonho, uma ponte...*

*Da procura, um encontro...”*

(Fernando Pessoa)

MARINS, Tamara Dias da Silva. **Vida de Professoras: memórias, trajetórias, narrativas, em perspectiva.** Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

## RESUMO

O presente trabalho monográfico se propõe a colher e conhecer memórias, lembranças de professora, para compreender quais marcas essa profissional acredita ter recebido ao longo de sua vida, visando à compreensão de como se dá o processo de constituição do sujeito professor. Assim, pela sua natureza, esta monografia será construída pelas histórias e pelos saberes de duas professoras. A partir de suas visões, seus sonhos e medos é que recupero e produzo um pequeno mosaico do seu passado educacional. As narrativas orais dessas docentes estão alicerçadas por um quadro teórico apreendido durante o Curso de Pedagogia. Quanto às questões teóricas metodológicas, este trabalho insere-se dentro de uma abordagem qualitativa e ancora-se fundamentalmente na história oral de vida.

**Palavras-chave:** história de vida, narrativas, memórias, professora.



## **ABSTRACT**

This monograph aims to gather and meet memories, teacher of memories, to understand what this professional brands believed to have received throughout his life and aimed at understanding how is the subject teacher formation process. Thus, by its nature, this monograph will be built by the stories and the knowledge of two teachers. From their visions, dreams and fears is that recover and produce a small mosaic of your educational background. Oral narratives of these teachers are underpinned by a theoretical framework seized during the Pedagogy Program. As for the methodological theoretical issues, this work falls within a qualitative approach and is based primarily on oral history of life.

**Keywords:** life history, narratives, memories, teacher

## SUMÁRIO

<b>INTODUÇÃO: PRIMEIRAS PALAVRAS .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I: EU, EU MESMA E MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL .....</b>	<b>15</b>
1.1 O Caminho para a Docência .....	16
1.2 A Pedagogia: só ensina quem aprende.....	17
<b>CAPÍTULO II: FIOS E NARRATIVAS.....</b>	<b>19</b>
2.1 Afinal, o que é história oral?.....	20
2.2 A importância da memória na história oral.....	21
<b>CAPÍTULO III: ENTREVISTAS, ENCONTROS E HISTÓRIAS.....</b>	<b>23</b>
3.1 Encontros .....	24
3.2 Memórias de professoras produzindo suas histórias.....	25
3.2.1 A Primeira Professora .....	25
3.2.2 A Segunda Professora .....	28
<b>IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>34</b>

## I- INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS PALAVRAS

*“Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa, de algum modo, escrito em mim. Tenho é que me copiar...”*

Clarice Lispector

Escrever a Monografia! Inicialmente, um período de possibilidades, quando as temáticas que mais nos encantam giraram em nosso pensamento. O que podemos ter como boa opção de pesquisa? Conflito sempre presente no pensar e sentir de quem tem como parte de seu ofício escrever. Se, a princípio, todos os temas são uma boa opção, como se definir por aquele que ficará presente, enquanto outros se afastam.

Acredito que todo aquele que tem diante de si a tarefa de escrever se pergunta: sobre o quê vou escrever? Fiz dezenas de vezes essa pergunta para mim. Só havia uma certeza: precisaria estar implicada com o que escrever. Neste sentido apoio-me em Dominicé (1988, p. 140) quando diz que *“as questões que cada um procura resolver pertencem à sua história”*.

Se assim é, sempre estive ligada a educação. Meu interesse pela Educação existe desde a infância: ora como filha de uma professora, ora nas brincadeiras de ser professora, quando através das representações podia externar a admiração por “essas” profissionais com as quais convivi o período das primeiras vivências escolares. Pensar na profissão docente encorajou-me na construção deste trabalho, quando percebi como a possibilidade de ser professora desde sempre exerceu um “fascínio” sobre mim. Como transformar o “fascínio” em projeto e este em produção monográfica, com as exigências que essa produção nos exige.

Optei, atravessada pela minha implicação, em refletir, sobre formação de professores mediada por duas histórias de vida: uma de minhas primeiras professoras; outra que me trás um desafio muito já que além de professora tem relação próxima comigo já que é também, minha mãe.

Pensei em trazer outra questão; como se dá o fazer pedagógico de quem além professora é, também, mãe de seu-sua aluno-a? Todavia, já sabedora das dificuldades que enfrentaria de fato neste trabalho a tensão está ao contrário: como fazer o movimento de aproximação e afastamento se a profissional é também sua mãe?

Segundo Oliveira:

Histórias de vida põem em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, os seus repertórios. Numa história de vida podem ser identificadas rupturas e as continuidades, as coincidências no tempo e no espaço, as “transferências” de preocupações e de interesses, os quadros de referencia presentes nos vários espaços do cotidiano (2000, pp. 17-18).

Neste trabalho, concordando que o saber humano é plural, propus-me a, através das memórias e lembranças das mesmas, buscar compreender quais marcas a profissional acredita ter recebido e deixado em quem por elas passou ocupando o lugar de aluno. Como se dá o processo de produção do professor e do aluno como sujeitos nessa relação, que é coletiva e, também, única.

Ao rememorar, a trajetória dessas professoras e a partir delas mesmas, esta se transformará em narrativa. Dessa narrativa, terei a “tarefa” de construir a minha narrativa, cheia de implicações, fragmentada e feita através de recortes. Recupero e produzo um pequeno mosaico do seu passado educacional. Mosaico este que faz parte de outro mosaico (e como todo mosaico é sempre incompleto), de outras dimensões de suas vidas. Como futura professora, me re-conheço em algumas dessas pequenas peças do mosaico, já que faço parte.

Segundo Nóvoa:

“mobilizar as dimensões pessoais nos espaços institucionais: equacionar a profissão à luz da pessoa e vice-versa; aceitar que, por de trás de uma logia (razão) há sempre uma filia (sentimento)... e pelas histórias de vida pode passar a elaboração de novas propostas sobre a formação de professores e sobre a profissão docente”. (2000, p. 25).

O uso da história de vida das professoras para recuperar suas trajetórias se constituirá como um exercício metodológico na medida em que demonstrará as possibilidades e os limites deste trabalho. Pretendo também, em alguns momentos, relacionar suas vozes com as vozes teóricas dos diversos autores estudados ao longo do curso de Pedagogia.

A reconstituição de suas trajetórias através da memória feita por meio de relatos orais teve como caminho investigativo entrevistas semiestruturadas e análise das mesmas. Narrar história é trazer à memória fatos ou acontecimentos que conservamos e registramos de alguma forma. Ao narrar-se, a pessoa diz o que guarda do que viu de si mesma e ao mesmo tempo organiza sua própria sequência temporal (LARROSA, 1994).

Considero importante, como maneira de ter constante atenção na minha implicação com o tema, atenção à escolha teórica--metodológica e os riscos de ter somente uma escrita laudatória e não conseguir fazer o movimento de escrita onde à implicação presente não comprometa a reflexão necessária ao trabalho acadêmico, compreendendo quem sou hoje enquanto sujeito.

Afinal quem é Tamara? Atualmente sou uma mulher “balzaquiana<sup>1</sup>”, casada. Sou a filha mais velha de uma família de 02 irmãos. Sou amiga, companheira, excessivamente perfeccionista, responsável, fiel e bem humorada. Gosto de música, de ler, assistir filmes, correr, de comer, de cães (na verdade eu os amo!). Na infância fui feliz demais e segundo familiares: “teatral”. Na adolescência fui tranquila e religiosa. Com o tempo me tornei mais aventureira e politizada.

O caminhar para a docência foi se construindo aos poucos. Sou filha, sobrinha, prima, amiga e esposa de professores e, revisitando minha memória, vejo que de certa forma fui influenciada pelos membros desta família.

Viajo no tempo e recordo-me do anel que minha mãe usava, com uma pedra preta, símbolo do magistério e principalmente do sacrifício da minha avó Maria de Lourdes, operária, que para pagá-lo vendia livros para completar sua renda. Dominicé (1998, p. 57) diz que “*o adulto constrói-se no material relacional familiar que herda*”.

Das lembranças que surgem destaco as muitas tardes que ficava a observar minha mãe com seus diários e cadernos, ou corrigindo as provas. Nos finais de semana preparando o plano de aula. Sempre tão dedicada e organizada, debruçada sobre os livros, eu a rodeava querendo participar, atenta, minha mãe puxava uma cadeira e perguntava: “*que me ajudar?*” Não titubeava, sentava e na minha inocência com uma caneta e um papel em branco dava início na ajudância.

Recordo-me dos dias em que juntas estudávamos os verbos, a tabuada, os questionários de Geografia ou História, as preposições e orações. Dos dias chuvosos que lia para nós (eu e meus irmãos). Das interpretações de textos, quando me dizia para ler com o coração e não apenas com meus olhos. Admirava a facilidade que minha mãe possuía de nos

---

<sup>1</sup> Balzaquiana ou mulher balzaquiana é uma expressão que surgiu após a publicação do livro *A Mulher de Trinta Anos* (1831-32) do francês Honoré de Balzac e que se refere às mulheres na casa dos 30 e, atualmente, também às mulheres de 40 anos.

ensinar, de nos entreter e acalmar. Recordo-me das idas ao cinema, zoológico, teatro, exposições e museus. Das belas canções que me ensinou.

Nos anos 80, havia um Jardim de Infância no terraço da casa da minha avó paterna Nina. Era da minha madrinha que montara com outras amigas recém-formadas. Aquele universo escolar, que permeou minha infância nos finais de semana era fascinante pela função que pude desempenhar que ia desde a arrumação do espaço até a permissão na impressão com o “velho” e bom mimeógrafo dos trabalhos que os pequenos iriam utilizar. Dentro dessas memórias percebo como a imagem do passado se atualiza, ou se fixa, no exato momento em que é escolhida para servir ao presente, ou seja, quando se forma a percepção do presente. Porém, em sendo não o é.

## Capítulo I: EU, EU MESMA E MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL

*“A experiência, e não a verdade é o que dá sentido à escritura. (...) Escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo”* (LAROSSA/ KOHAN Apud RANCIERI, 2010, p. 05).

Rememorar. Saltam imagens da época da educação infantil, da minha especificamente do Jardim de Infância, das tardes do recreio embaixo de uma árvore imensa que havia no pátio, onde ficávamos sentados ouvindo histórias, cantando, brincando.

Da sala de aula, com as mesinhas e suas cadeiras pequenas, do armário no canto, dos desenhos, massinhas, colagens, da porta que sempre ficava aberta e, às vezes, quando a saudade era forte demais, fugia para sala de aula onde “minha mãe” lecionava, era alfabetizadora. A sensação de estar perto dela era de conforto e proteção, pena que durava pouco, porque logo aparecia “Tia Marinês” para me buscar. Essa “mistura” entre a profissional professora ser ao mesmo tempo minha mãe acompanha-me. Como des-misturar? Onde termina a professora e começa a mãe? Será possível esse movimento? Percebo que quando volto ao passado, ao tentar recuperar caminhos que passei na minha trajetória, o faço tendo em vista o momento presente, em que vivo. Então de fato, que memórias são essas?

Para Lowenthal (1998) a lembrança:

*Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta”.* (p. 103)

Compreendo que as mesmas são compostas por uma rede de intenções, de ações, de vivências que se transformam, se entrelaçam com situações de vida.

Soares (1991) nos diz:

*Procuo-me no passado e “outrem me vejo”; não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora.* (p. 37)

## 1.1 O Caminho para a docência

Ao caminhar, com cuidado, nas re-memorações e trajetórias de vida, penso que aquilo que permaneceu na minha infância e adolescência tem um poder simbólico muito forte, contribuíram para produzir a relação que tenho com a docência, ou seja, da lembrança da aluna que fui, das marcas deixadas por professores do passado: palavras afetivas ou não, dos momentos inesquecíveis de acolhimento e de exclusão

Enfim, à medida que crescia, tinha o firme pensamento em tornar-me uma professora, porém, após o falecimento do meu pai, eles, de certa forma se fragmentam e, no período do pré-vestibular, decido que não iria me tornar professora.

A vida seguiu outro rumo...

Passaram-se 20 anos para que eu pudesse finalmente rever minha trajetória, retornar por caminhos abandonados e fazer-me de novo, professora e, no meu lugar de caminhante, encontro-me nos versos de Cora Coralina:

*Andei pelos caminhos da vida.  
Caminhei pelas ruas do destino-  
procurando meu signo.*

*Bati na porta da Fortuna,  
mandou dizer que não estava.*

*Bati na porta da Fama,  
falou que não podia atender.*

*Procurei a casa da Felicidade,  
a vizinha da frente me informou que  
ela tinha se mudado sem deixar novo endereço.*

*Procurei a morada da Fortaleza  
Ela me fez entrar:*

*deu-me veste nova, perfumou meus cabelos...  
fez-me beber de vinho.  
Acertei o meu caminho.*

Firmei meus passos e, no ano de 2010 decido que era hora de voltar a estudar, mas, havia a dúvida sobre o que estudar: Letras, Psicologia, Direito? Cheguei a cogitar Jornalismo. A certeza é que curso deveria fazer parte das Ciências Humanas. Penso que escolher foi ao



mesmo tempo, decidir e abdicar. Uma escolha implica em deixar para trás as opções que ficaram de fora. Levenfus (1997) considera que a escolha configura-se também como uma despedida, um luto; decidir é na verdade um ato de coragem (Bock, 1997).

Nas conversas informais com meus familiares e amigos, ambos diziam que eu deveria ser professora, afinal era um “sonho de menina”. *“Parece que acontecimentos conscientemente percebidos precisam assumir algum tipo de dimensão afetiva”* (BOSI, 1979, p. 253).

Lembro-me do dia que decidi pela Pedagogia, da felicidade que minha senti quando compartilhei com ela esta decisão e de suas palavras: *“eu sabia que um dia isso iria acontecer, que felicidade ter uma filha com a mesma profissão”*. *“Professor é aquele que sabe olhar as coisas a partir de outro foco, sabe redimensionar as visões de sua retina e transformá-la em matéria prima”*.

Seria só um “sonho de menina”? Seria, de fato, uma homenagem a professora que era já também mãe? Que implicações da ordem do sensível me moveram para esta decisão? Confesso que não sei.

Investida de coragem, presto vestibular e no ano de 2011, inicio a concretização de um “sonho” de vida ou na vida. Sou aprovada para o Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## **1.2 A Pedagogia: só ensina quem aprende**

*“Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente”*  
(Paulo Freire, 2006, p. 94)

O início do curso foi de certa forma complicado. Aqueles que ficam afastados de uma Universidade sentem um “descompasso”. Ao mesmo tempo fascinante, pelas descobertas e ensinamentos que são vislumbrados, por exemplo, com a Filosofia, que aprendi que a Pedagogia surgiu na Grécia Antiga sendo a palavra pedagogia deriva de paidós (criança) e agogé (condução). Etimologicamente a Pedagogia configura-se como sendo a condução da criança ao saber. Todavia e com contribuições de Piaget, Vygotsky e Freire que vamos debater como se dá construção do conhecimento na escola e o papel do professor neste processo. Aprendemos que o jogo na Matemática não é simplesmente um “passatempo” para

distrair os alunos, ao contrário, corresponde a uma profunda exigência do organismo e ocupa lugar de extraordinária importância na educação escolar.

A Sociologia é uma poderosa ferramenta para reflexão crítica sobre as mais diversas relações sociais, educacionais e políticas da sociedade contemporânea para além do âmbito formal da escola. Assim, começamos a experiência de vida e educador que queremos ser com as transformações sociais que ocorrem a nossa volta.

Aprendemos nos momentos de formação teórico-prática a cultivar a experiência do cuidado com o outro, a fim de investir no aperfeiçoamento das relações, porque a educação é vida e necessita de recriação, de modificação, de ampliação e da transformação da essência humana.

Acredito que os fatos que ficam guardados na memória “*são aqueles que possuem maior significado, ainda que seja um momento fugaz, curtíssimo e que jamais se repetiu ou repetirá*” (CHAUI, 2001, p. 128). “*Fica na memória dos recordadores o que significou*” (BOSI, 2001, p. 22).

Particularmente, nos quatro anos que vivi na Universidade, trilhando a formação junto a Pedagogia, entendi que o saber adquirido ou vivenciado deve levar a pessoa ao exercício da cidadania. Esse processo de construção do conhecimento deve fornecer à pessoa ferramentas teóricas, através das quais possa exercer seu papel de cidadão no mundo e, ao mesmo tempo, estabelecer uma ligação significativa entre as dimensões do pensar e do saber.

É um privilégio quando, na Universidade ou na vida, encontramos com educadores comprometidos com a educação. Recorro a Paulo Freire (1979, p. 19):

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se fazem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso.

Levo a “crença” e como toda “crença” é sempre interrogável que para o exercício do magistério, o profissional há de ter como essência, como alma, uma inquietação, uma intenção social latente: o desejo de provocar mudanças em quem esta ao seu redor, em si mesma e no mundo.

## CAPÍTULO II: FIOS E NARRATIVAS

*“Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (BENJAMIN, 1993, p. 205)*

No senso comum ouvimos que as pessoas são, por natureza, contadores de história. Nessa perspectiva, a narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos percebem, concebem e vivenciam o mundo.

A narrativa de história de vida a partir do relato de professoras justifica experiências, acontecimentos e trajetórias vivenciadas ao longo de sua vida, que influenciaram na sua construção profissional e pessoal.

Cabe destacar que as narrativas atendem a interesses metodológicos e epistemológicos, a um só tempo, na medida em que o narrar-se se traduz em procedimento e em objeto da reflexão. Neste sentido, as narrativas enquanto produção discursiva mantêm vínculos com a historicidade, com o vivido e com os sentidos sobre ele produzidos.

Para Delory-Momberger (2008, p. 97-98) ao se constituir a narrativa com palavras ela não traz os “fatos”, e nem é a vida em si, mas será nela que se estruturará a forma que “[...] dá uma história a nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida”.

Segundo Bakhtin (2000), a narrativa de si só adquire unidade a partir dos valores do mundo dos outros, de modo que a história atua sempre como força organizadora do processo narrativo. Desta compreensão, as histórias de vida são interpretações de nossa posição no mundo. O que evidenciamos de nossa vida ao narrarmos, numa dada condição sócio-histórica, em outra poderia ser silenciado, substituído e até mesmo rejeitado.

## 2.1 Afinal, o que a história oral?

A história oral é um recurso moderno que vem sendo utilizado na elaboração de diversos documentos e arquivos e, principalmente, estudos de histórias de vida. Esse tipo de história é muito contemporâneo e está relacionado à história do tempo presente. “*A História Oral devolve a História às pessoas em suas próprias palavras. E ao dar-lhes um passado ajuda-os também a caminhar para o futuro construído por elas mesmas*”. (THOMPSON, 1992, p.47).

Segundo Freitas (2002), História Oral é um método de criar fontes históricas a partir de relatos e depoimentos, recuperando as memórias e obtendo documentos que não foram escritos. Neste contexto, o entrevistado é considerado um agente histórico, sua visão, acerca da experiência e dos acontecimentos sociais que passou, faz parte da reconstrução do passado recente. Depoimentos obtidos com História Oral permitem recuperar um passado, ainda que fragmento, sob novas e diferentes “lentes de olhar”.

Para Amado e Ferreira (1998) a história oral é mais do que uma decisão técnica ou um procedimento metodológico, é uma forma inovadora, pois dá produz um resgate histórico e sua abordagem de apegar em detalhes não vistos.

Mesmo que usar a história oral com aporte teórico-metodológico, o modo único e peculiar pelo qual é contado, em princípio pode ser considerado algo transformador, ao contrário é das mais difíceis teórico-metodológicos.

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto à finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – podem desenvolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1992, p.22)

É uma metodologia que possui procedimentos e técnicas de recolhimento, registro, preservação, controle e estudo de fontes orais, das informações coletadas junto à narradora, que disponibilizou oralmente sua visão dos eventos que vivenciou.

## 2.2 A importância da memória na história oral

O conceito de memória torna-se importante para que os trabalhos possam ser desenvolvidos. Através da memória pode ser construída uma determinada história adormecida no passado. Porém, a história oral não é a memória. A memória é apenas um dos mecanismos utilizados para se realizar a história oral.

Nesse sentido, a história oral mantém um vínculo importante com a memória, e vice-versa. A transposição das narrativas da memória para a história, a sociologia, a antropologia ou outra qualquer disciplina acadêmica, no entanto se dá na capacidade de diálogo entre a memória, da mediação da história oral e a história ou suas correlatas irmãs. (MEIHY, 1996, p.62 )

Penso que a memória deve ser entendida como um fenômeno social, já que o ser humano é um indivíduo social e pertence e se identifica com esse universo, reproduzindo modos de agir, pensar e sentir que são exteriores a ele e exercem poder de coerção.

Segundo Halbwachs (2004, p. 32) “*A memória é o resultado do movimento do sujeito no ato da memorização, como também é ação dos diversos grupos sociais em suas histórias, o passado e o presente*”, portanto, a memória individual não é isolada, acontece a partir das referências e lembranças do grupo, então, a memória individual deve ser percebida a partir do lugar ocupado pelo indivíduo dentro do grupo e das relações que mantém com outros meios, “*a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.*” (BOSSI 1979, p.17).

As fontes de memórias têm forte influencia do presente, impregnado de conceitos atuais, o que não significa que não possua veracidade:

A experiência da releitura é apenas um exemplo, entre muitos, da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador. Para este também se coloca a meta ideal de refazer, no discurso presente, acontecimentos pretéritos, o que, a rigor, exigiria se tirassem dos túmulos todos os que agiram ou testemunharam os fatos a serem evocados. Posto o limite fatal que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão *reconstruir*, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. Nesse esforço exercer um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, nos obriga a avaliar (logo, a alterar) o conteúdo das memórias. (BOSSI, 1979, p. 21)

No trabalho com a memória, devemos também estar preparada caso me depare com o “silêncio”. O silêncio também pode ser entendido como um falar sem som. Recordar, confrontar reminiscências, sonhos, sentimentos e dores. Re(memorar), re(lembrar) e narrar a trajetória de uma vida e presentificá-la é ao mesmo tempo por ela chorar, pois já não é o que já foi.

Ao ter as histórias de vida como fontes, várias inquietações ocorrem: que encaminhamento dará a minha escrita? Que escolhas fazer em sua narrativa? O que se conta e o que não pode revelar?

Todos estes questionamentos fazem parte do processo de escrita onde à razão e a emoção estão interligadas, haja vista que se trata das memórias vividas pelo sujeito narrador. Cada memória será sempre singular e única, pois cada uma traz consigo uma experiência própria de vida, ou seja, as histórias de cada sujeito, não poderão ser iguais à de qualquer outro, ela sempre contribuirá com mais de uma versão dos fatos vividos.

### CAPÍTULO III: ENTREVISTAS, ENCONTROS E HISTÓRIAS

*nós seres humanos – somos organismos contadores de história, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas.”*

Connelly e Clandinin

Entendendo a história de vida como possibilidade para destacar as narrativas, colocando em relevo as vivências e as representações individuais. Optou-se por essa modalidade teórico-metodológica que segundo Fonseca (1995) “*trata-se de um processo em que o narrador é o sujeito personagem da história e o narrar, o registro; a passagem do oral para o escrito faz parte da história que está sendo construída pelo narrador*”. (p. 40)

A entrevista faz parte de vários trabalhos acadêmicos, pois é uma prática utilizada para obtenção de informações e de captação de dados. Lakatos (1991) e Gil (1994) selecionam as entrevistas como: *estruturada, semi-estruturada, focalizada, história de vida e história oral*.

Alguns autores caracterizam a história de vida como entrevista livre e defendem como um meio eficaz para que possam obter o real objetivo, através do discurso e das expressões das pessoas, como afirmam Rosiska e Miguel:

A técnica de entrevista livre, concebida como um diálogo aberto onde se estimula a livre expressão da pessoa com que se conversa, amplia o campo do discurso que passa a incluir não só fatos e opiniões bem delimitadas, mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc. Sem dúvida, a entrevista livre, para não partir em todas as direções, deve ter um fio condutor, uma estrutura de base ligada ao núcleo temático a ser pesquisado. Porém dentro deste campo temático, tudo é pertinente, nada é desprezível. Muitas vezes, não unicamente aquilo que é dito explicitamente que é significativo. A maneira de dizer, as inflexões, as hesitações, as pausas e os silêncios dizem muita coisa. Frequentemente é nessas dobras do discurso que se esconde a ambigüidade e a contradição entre o pensar e o agir que importa captar e desvelar. Os fragmentos do discurso, o ‘não dito’ e o ‘mal dito’ – por medo, por pudor, por desconfiança ou porque dizê-lo seria doloroso demais – são tão importantes quanto as respostas superficiais. (1999, p.29-30)

Trabalho, nessa produção, com a entrevista aberta, ou seja, calcada na história de vida das professoras, que consiste no relato de um narrador sobre sua existência através do tempo.

“*O lembrar, numa entrevista, é um processo recíproco, que exige compreensão de parte a parte*”, afirma Thompson.

### 3.1 Encontros

Foram na busca de histórias que propus este trabalho as minhas colaboradoras. Realizei o trabalho de colher narrativa das participantes em dias e horários por elas definidos. Acertamos que os encontros seriam individuais. Cada encontro teve duração entre uma ou três horas, tempo este que foi intenso. Tive o cuidado de conversar individualmente com cada uma expondo o objetivo deste trabalho e o meu compromisso de manter em sigilo os nomes das participantes, caso desejassem.

Os dois primeiros encontros individuais tinham como foco falar sobre a profissão docente. O processo de recordação, com tudo que tem de lacunar, constrói narrativas e foram com essas “lembranças possíveis” que começamos a compor nossos diálogos. O registro dos dados produzidos ocorreu por meio de gravação em áudio, mediante o consentimento das professoras. Três mulheres, sendo duas professoras e uma quase professora.

Mas, afinal, quem são essas professoras? Por que se tornaram Professoras? Como se sentem ou sentiram sendo Professoras? Interrogações que foram sendo reveladas por elas.

A primeira é alegre e cheia de vida, não tem problema em assumir seus sessenta e seis anos, com quarenta e sete anos de magistério (entre idas e vindas), iniciados como alfabetizadora na rede particular em 1968. Sempre sorridente, declara com entusiasmo gostar do que faz e que seu primeiro ano como docente foi desafiante.

Afirma que foi através da prática diária que desenvolveu suas habilidades para ensinar e também aprender. Fala com saudades de seus antigos professores, diz que aprendeu com esses profissionais várias lições: generosidade, amorosidade, dedicação empenho, criticidade, luta e a se despir de preconceitos. Traz nas suas narrativas lembranças de uma infância feliz, de pais amorosos, um final de adolescência e juventude de engajamento político, dos amigos perdidos até chegar ao Curso Normal, o casamento, o nascimento dos filhos, da decisão de se afastar da profissão e de sua retomada na escola pública. Gosta de ler, estudar, discutir e sorrir. Encerrou um ciclo no ao de 2014.

A segunda aparenta tranquilidade e serenidade. Tem cinquenta e oito anos de idade e vinte e cinco de magistério. Queria ser professora desde menina porque admirava sua professora do ginásial. Começou a lecionar aos 19 anos. Esteve afastada da sala de aula por dez anos, e nesse período foi comerciante, até entender que o seu lugar era na sala de aula.



Está há vinte e quatro anos na mesma escola da rede privada e afirma que é feliz e realizada na profissão.

Propus ser uma “escutadora” das lembranças e das memórias dessas professoras, e com uma lembrança puxando outra, suas histórias de vida foram sendo desenhadas como um mosaico.

### **3.2 – Memórias de professoras produzindo suas histórias**

#### **3.2.1- A Primeira Professora**

*Nasci em 31 de janeiro de 1949, filha de uma operária e de um funcionário público do Ministério dos Transportes. Tive uma infância feliz! Muito feliz mesmo*

*Minha mãe foi uma mulher admirável! Uma fortaleza e tinha um gênio... Muito honesta, trabalhadora, operária, trabalhava desde menina, mesmo com papai ganhando bem, dizia que não sabia depender de homem. Ela estudou pouco, mas possuía uma sabedoria singular que os livros não ensinam. E o porte? Tão altiva e vaidosa. Ela me incentivou a estudar.*

*Meu pai me ensinou a ler e, com cinco anos eu lia perfeitamente. Ele era politizado, participou de todas as greves da Costeira. Não queria que eu me casasse, queria que eu fizesse faculdade, que viajasse.*

*Por volta de 1955 fui estudar com Dona C., que considero como a minha primeira professora, lembro-me que era deficiente física, resultado da paralisia infantil. Dona C. exercia seu ofício dando aulas em casa. Foi naquele lugar que aprimorei mais a leitura e aprendi algumas operações matemáticas, até ser matriculada no Grupo Escolar Benjamim Constant aos seis anos, tendo como professora Dona C., ótima professora, de voz suave, carinhosa com todas as crianças, nesta escola permaneci até os sete anos.*

*Aos oito anos fui estudar no extinto Ginásio Floriano Peixoto, escola particular, onde permaneci até o primeiro ano do curso normal. Tenho muitas saudades desta escola, guardo boas recordações, fiz grandes amigos.*

*Estudei com a querida Professora C. P., professora de Língua Portuguesa, esta mulher mudou minha vida. Ela ajudou-me a superar a “gagueira”, sofria por ser gaga e,*

*percebendo minha dificuldade, desenvolveu um método de leitura comigo, onde deveria ler pausadamente uma frase e aos poucos acelerando minha fala, até conseguir completá-la sem gaguejar, foi um processo longo e árduo, mas, juntas conseguimos. Acredito que com Dona C. aprendi a primeira lição para ser um professor que é a sensibilidade e generosidade para com seu aluno.*

*Lembro-me também da professora N., esta era preconceituosa ao extremo. N. era alta, magra, nariz grande, séria e nunca escondeu sua aversão a minha pessoa por ser filha de uma negra com um branco. Não havia muitas meninas negras naquela escola. N. tentava excluir-me nas aulas, porém, nunca me abalei, fazia tantas perguntas que ela era obrigada a me dar atenção. Com N. também aprendi uma lição na profissão docente: a de me despir de qualquer forma de preconceito.*

*Lembro-me de 1964 (ano do Golpe Militar), acho que cursava o primeiro ano do Curso Normal ou estava terminando o ginásial. Esse período ainda mexe comigo, das pessoas que nunca mais vi ou ouvi falar.*

*O Ginásio adotou a postura silenciosa, como se nada tivesse acontecido e reprendia de maneira ofensiva quem tentasse falar sobre o ocorrido. Porém, alguns professores não acataram esse posicionamento e, começaram a nos explicar sobre a crise do país.*

*Recordo-me que meus professores tinham uma forma peculiar de ensinar. Instigavam-nos. Como um professor pode mudar nosso conhecer, agir e pensar! Quantas saudades desses professores. Eles tinham efetivamente um discurso e uma postura política. Sinto uma profunda gratidão por essas pessoas. Pelo legado que me deixaram, pela generosidade, por terem me auxiliado a refletir e questionar a fim de orientar minhas ações.*

*“Alguns” outros queriam que decorássemos quase tudo, nada de pensar, perguntar ou de ter opinião.*

*Em 1966, saí do Ginásio Floriano Peixoto, tivemos um problema com o Professor de Língua Portuguesa, Professor J.S.M. (o intransigente), apelamos à direção da escola, que não nos apoiou, acho que queriam que deixássemos a escola, penso que nossas preferências políticas incomodavam e influenciavam outras alunas do Curso Normal. Resumindo, não fiz a prova final, larguei tudo no meio do caminho. Mamãe ainda tentou me dissuadir, mas, em*

vão. Já estava cansada de tanta opressão. Porém, fiquei triste neste dia, foram quase 10 anos naquele Ginásio.

*Fui matriculada no Curso Normal do Colégio São Gonçalo. Uma das lembranças mais vivas que tenho, dizem respeito às manifestações festivas: aniversário do Colégio, incorporação das novas alunas, desfile de 7 e 22 de setembro e a festa de despedida das normalistas. Este Colégio era mais liberal em relação à disciplina. Tive excelentes mestres que me ajudaram a desenvolver meu senso crítico e o posicionamento de aluna diante do grupo, e a própria prática em sala de aula ampliou meu repertório de possibilidades.*

*O ano de 1968, não me traz boas recordações. Tivemos amigos presos e professores despedidos. Pessoas sendo ameaçadas, delatadas e definitivamente estava proibido qualquer tipo de manifestação ou protesto, andar em grupo nas ruas, cantar ou ouvir músicas com conteúdos políticos, fazer greve, falar mal do presidente, organizar reuniões ou festas, etc.... Até rir parecia uma ofensa!*

*Minha primeira escola ficava na Rua Guimarães Junior no Barreto, só não consigo lembrar o nome. As proprietárias e diretoras eram Dona M. e Dona R., mulheres maravilhosas.*

*Comecei como alfabetizadora. Que experiência maravilhosa alfabetizar! Ver aquelas crianças formar sílabas, palavras, frases até finalmente lerem. As crianças eram tão curiosas, inteligentes, esforçadas. Gostava de desafiá-las na questão da leitura ou na experimentação da escrita. Por gostar de ler sempre estimulava meus alunos nesse sentido. Gostava de levar livrinhos de histórias infantis e ler para eles. Para mim, leitura não pode e não deve ser feita de forma mecânica.*

*Meu primeiro ano foi um desafio, porém, o venci. Não Tive receio de errar com as crianças, foi com a prática diária, que ia desenvolvendo habilidades e formas de ensinar e também aprender com eles. Todos os dias sem exceção eram diferentes.*

*Minha segunda escola foi o Instituto Billy Graham. Trabalhei novamente como alfabetizadora e os anos que passei por lá foram muito felizes. Foi à primeira escola que trabalhei com projetos. A Diretora M., uma mulher admirável, inteligente, comprometida com a educação de qualidade, incentivava o corpo docente na pesquisa da prática.*

*A vida tem seus altos e baixos, meu segundo filho ficou muito doente, quase morreu. Decidi me afastar, que iria terminar o ano letivo e apenas me dedicar aos filhos. Nesse intervalo, fico grávida novamente e não voltei mais.*

*Os anos que fiquei afastada foram difíceis, sentia saudades de lecionar. Só retornei para sala de aula após ficar viúva, tinha que me ocupar, fazer alguma coisa, me vi sozinha, sem meu companheiro e, eu só sabia fazer uma coisa: ensinar!*

*Foi um longo e árduo percurso até chegar à escola pública, mas cheguei! Ali vivenciei várias experiências de ser professora. Os anos que passei na escola pública pude constatar como é vulnerável.*

*Foi na escola pública que mais trabalhei com projetos. Recordo-me da construção da Biblioteca e da Sala de Leitura Monteiro Lobado, com livre acesso aos alunos e toda comunidade. Ali trabalhei com o primeiro, segundo e terceiro ano com total autonomia. As escolas que lecionei estavam todas localizadas em áreas consideradas de risco e a violência atrapalhava às vezes o rendimento das crianças.*

*Ser professora não é uma tarefa simples. Entretanto, com toda sua peculiaridade, foi nesta profissão que pude assumir, compreender e respeitar toda diversidade de uma sociedade tradicionalmente pautada pela exclusão.*

*Sendo professora pude renovar, elaborar e realizar projetos de vida!*

### **3.2.2- A Segunda Professora**

*Relembrar o passado é algo extremamente novo para mim. Mas, é algo interessante que me fez refletir...*

*Nasci numa família de classe média. Meu pai era comerciante e foi um bom homem. Mamãe além de dona de casa ajudava papai no comércio, uma pessoa simples, religiosa e amável com os filhos. Minha infância foi boa: brinquei, corri, cai, chorei e fiquei de castigo como todas as crianças.*

*Meus pais sempre valorizaram os estudos. Estudei em escola particular e lembro-me de vários momentos felizes nesta instituição: a Professora Glorinha, uma senhora de cabelos*

*grisalhos, olhos pequenos e muito amorosa foi quem me ensinou a ler. Não lembro os nomes das professoras da primeira e segunda série.*

*Na terceira série, foi a Professora Ana, baixinha, tinha a voz fina, me deixava apagar o quadro, minha carteira ficava em frente à mesa dela. Na quarta série, foi a Professora Yolanda que arrancava folhas dos cadernos dos alunos que tinham letras de “garrancho”. Quem tivesse a letra “feia” era obrigado a usar o caderno de caligrafia. Ela exigia que decorássemos os verbos, preposições, capitais, enfim, havia uma espécie de “teste” surpresa, ela chamava o nome do aluno e perguntava: “fulano, verbo cantar no pretérito mais-que-perfeito”; “Beltrano, qual a capital do Amapá?”. Mas, às vezes era muito engraçada e divertida. A professora que mais gostava de imitar nas brincadeiras era Dona Yolanda.*

*O ginásial foi a melhor época escolar! Tive uma professora que me marcou profundamente: Professora Maria José da disciplina de Português. Ela era muito inteligente e educada, conseguia manter toda a classe atenta e era nossa amiga, nos incentivava a estudar. Sabia se expressar muito bem e era elegante. Admirava vê-la dando aula. Às vezes depois da aula, juntamente com algumas colegas ficávamos conversando com ela. Professora Maria José sempre foi muito gentil e paciente conosco. Com a aproximação do fim do ginásial, tinha certeza que queria ser professora e a Professora Maria José foi uma das pessoas que compartilhei a minha decisão. Essa querida Professora não está mais entre nós... Partiu quando eu estava no segundo ano do Curso Normal. Sofreu um desastre... Foi muito triste essa perda... Lembro que tinham tantos alunos e ex-alunos na sua despedida... Ela era muito querida...*

*Fiz o Curso Normal no C S G. Lembro-me do primeiro dia. Do meu uniforme passado e esticado no sofá da sala. Papai me olhando emocionado, ele e mamãe me levaram neste dia, tinha uma espécie de recepção para as novas alunas. Meu coração bateu acelerado, afinal, tudo era uma novidade: a escola, as colegas, os professores. Cheguei animada, cheia de planos e expectativas.*

*Foram três anos muito bons... Muitas saudades... Gostava mais das aulas práticas. Sentia prazer por estar ali. Tive professoras e professores maravilhosos e comprometidos com a educação.*

*Comecei a lecionar assim que me formei no extinto Colégio Rodrigues e Silva. Era uma turma de primeira série do turno da tarde. Iniciei cheia de planos para a turma e alguns não puderam ser realizados, porque tudo vinha pronto da coordenação: das atividades complementares até as avaliações. A coordenadora pensava e decidia pelas professoras. Ela também fazia uma espécie de “ronda” nas salas para ver como as professoras estavam ministrando as aulas e isso era muito frustrante. Fiquei cinco anos neste Colégio, saí porque meu marido foi transferido do Estado por motivos de trabalho, fomos para São Paulo, onde engravidei. Ficamos três anos em São Paulo e nesse período não trabalhei.*

*Quando retornamos para o Rio de Janeiro, resolvi prestar concurso público para o Estado, fui aprovada e classificada numa escola em Vilar dos Teles! Era muito longe, tinha que pegar duas conduções, chegava em casa exausta. A escola era precária, sem qualquer infraestrutura. A situação era de total abandono. Nesta época dois fatos me marcaram: fiquei grávida novamente e papai faleceu. Foi complicado... Tentei uma transferência para outra escola e não consegui. Estava sob forte pressão: marido, filho pequeno, filho a caminho, mamãe fragilizada, o comércio de papai para administrar... Acabei pedindo demissão!*

*Fiquei mais sete anos sem exercer a docência! Dediquei-me nesse período aos filhos, a casa e ao comércio (junto com minha irmã), mas, sempre sentindo saudades da sala de aula. Sentia-me incompleta, insatisfeita, vazia, às vezes prisioneira... Não era uma comerciante, me tornei pelas circunstâncias da vida. Eu tinha decidido ser professora e resolvi que era hora de me apropriar da minha escolha, de retomar minha carreira. Conversei com minha irmã e conseguimos entrar num acordo.*

*Meu retorno aconteceu no ano de 1991 e não parei mais. Estou a vinte e quatro anos na mesma escola da rede particular, com turmas do terceiro ano.*

*Nasci para ensinar... Gosto de ensinar! Sou feliz sendo professora! Gosto de estar com as crianças e da rotina de uma escola! Confesso que fico cansada, mas não tenho vontade de parar! Tenho nesta escola liberdade para trabalhar. Considero-os como minha segunda família.*

*Sou muito curiosa e passo isso para meus alunos. Procurei nesses anos conduzir minhas aulas frente aos avanços e desafios que o mundo nos oferece: a tecnologia é um exemplo e a utilizo a meu favor.*

*Adoro trabalhar com projetos que estimulem a solidariedade, o companheirismo e a cidadania entre as crianças. Deixo que meus alunos falem e recriem, suas experiências. Respeito meus alunos e alunas e procuro sempre entender e compreender suas dúvidas e anseios.*

*Acredito que devemos sempre estar aprendendo e sempre que posso participo de cursos e palestras para me atualizar. Tem uma frase de Paulo Freire que nunca me esqueci: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua a sua construção” e, é isso que tento fazer todos os dias: criar! Me recriar!*

*Tenho consciência das dificuldades da profissão: da falta de investimentos na formação docente, nos programas curriculares, nos sistemas de avaliação e na valorização dos profissionais (estive por dois anos na rede pública). Da falta de autonomia. São muitos os desafios que o professor enfrenta...*

*Sonho com uma escola de qualidade. Gostaria que todos: crianças, jovens e adultos pudessem ter acesso à educação.*

*Acredito que a escola é o lugar onde professores e alunos interagem e constroem conhecimentos, por isso ela deve ser um espaço de formação, em que a aprendizagem de conteúdos deve favorecer ao aluno no dia-a-dia.*

*Sinto-me realizada na vida profissional. Feliz com minhas escolhas. Eu, professora, mãe, mulher, ainda tenho muito a fazer...*

## IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.” José Saramago*

Quando iniciei esta monografia tinha como intencionalidade compreender como uma professora vê o tornar-se docente e, para este fim, elegi duas professoras para sujeitos narradores, buscando entender, de maneira mais aproximada, com se construíram seu estar educadoras, que representações sobre o ofício produziram, quais contribuições consideram importantes em suas trajetórias.

Para construir suas narrativas de vida busquei como aporte teórico-metodológico a História de Vida. Todas as falas que foram por elas construídas me possibilitaram “contemplar” as diversas implicações que uma pessoa possui ao longo de sua vida. Minhas próprias implicações com o tema e com as professoras elencadas também atravessaram permanentemente a “feitura” do meu trabalho monográfico.

Aprendi, ao lidar com as narrativas, que muitos são os fatores, causas e efeitos que contribuem no modo de ser e estar docente. A construção de um docente se inicia muito antes de sua formação acadêmica e se estende por toda a vida.

Nas suas narrativas as professoras retomam suas histórias e ao assim fazerem apontaram-me figuras de professores do período de sua formação que de lhe deixaram marcas e de certa forma influenciaram nas suas atitudes e práticas, como bem ilustra Cunha (2000, p. 60): *“a maior força sobre o comportamento docente é do exemplo de ex-professores”*.

Na tessitura deste trabalho, compreendi que as histórias de vida não se reduzem à consciência individual de quem narra, nem tampouco são o lugar de retorno linear a fatos passados. As histórias de vida dessas mulheres inscrevem-se de sentidos que traduzem num modo delas se organizarem e representarem suas experiências com o mundo. Na perspectiva de conhecer a construção de sentidos, busquei significações de ser criança, jovem, adulta e professora, pensando em tudo como construções sociais que se deram ao longo desse percurso.



A escuta destas histórias fez com que eu me colocasse no lugar dessas professoras (até onde isso foi possível), para compreender suas histórias e seus percursos de vida. Trajetórias que se entrelaçam como fios.

Penso que construímos uma trajetória de trocas, buscas e dúvidas, e suas narrativas foram se amalgamando em mosaico harmonioso nos mais diferentes espaços e tempos de vida dessas professoras. Das histórias que ouvi, percebo que o ir sendo professora se constitui no coletivo e também no singular: família, instituições, pensamentos, práticas, memórias e lembranças, sentimentos há tanto adormecidos.

Creio que ao remexerem na “gaveta dos seus guardados”, saltaram memórias que revelaram o enfrentamento do desafio de ir sendo professora, levadas por vários caminhos. Rememorar seu saber-ser e saber-fazer.

Durante o caminho percorrido nesta monografia, muitas reflexões foram necessárias para compreender os processos vividos e sentidos por essas professoras-mulheres-mães, contribuindo para que eu também ressignificasse os processos vividos e sentidos por mim, aluna-filha-(futura) professora.

Ao atualizaram-se, as memórias de fatos são presentificadas, ao serem presentificadas são recortes de momentos mortos, trazem cores vivas que são as cores do presente que repinta as cores já esmaecidas. Emocionam, é fonte de investigação e retornam ao que as constrói: lembranças de um passado que já não é, pois é impossível tê-lo como foi de fato. São ecos de um tempo vivido que ouvimos e apreendemos.

## V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. Tradução de: Auswashl in Drei Banden.
- BOCK, S D. Como se escolhe uma profissão? Em **Revista Pais & Teens**, 1(2), 1997.
- BOSI, Eclea. **Memórias e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Memórias e sociedade: lembranças de velhos**. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 12 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2000.
- DELORY-MOMBERGER, Chistine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo–projeto**. Natal: EDUFRN, 2008. Pesquisa (auto) biográfica educação.
- DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: CHENÉ, Adèle (et. al). **O método biográfico e a formação**. 1988.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FONSECA, M.A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ da Puc, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 3ª ed., 1991.

LEVENTUS, R. S. (1997). Os Lutos pela Escolha Profissional. Em R. S. Levenfus, D. H. Soares-Lucchiari, I. C. Silva, M. D. Lisboa, M. C. Lassance & M. Knobel (Orgs.), **Psicodinâmica da Escolha Profissional** (pp. 163-174). Porto Alegre: Artes Médicas.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História. São Paulo, número: 17, novembro 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom , - **Manual da História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NÓVOA, António. Os professores e a história de suas vidas. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. Portugal: Porto, 2000.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de e OLIVEIRA Miguel Darcy de. **Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la**. In. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: Unijuí, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

SOARES. Magda. **Metamemória – memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1991.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1992.